

JORGE MIGUEL MARINHO, REALIDADE E FANTASIA

As relações entre literatura e sociedade tem ocupado o centro da atenção da teoria e da crítica há bastante tempo. O presente artigo tem por objeto a análise o realismo fantástico de Jorge Miguel Marinho e o contexto histórico-social em que algumas de suas obras foram produzidas. Todavia, antes de entrar diretamente no tema, entendemos que algumas considerações teóricas são indispensáveis.

Anathol Rosenfeld defende a tese de que a obra literária não espelha o momento em que foi produzida, porque: *“embora tenha por sua vez raízes sociais, não pode ser reduzida a elas e é reelaborada de um modo complexo e pessoal, embora sob a influência de novas situações histórico-sociais.”*¹ Para referido autor, a grande obra literária revela a ideologia dominante mesmo quando exalta valores corruptos. Assim, a crítica literária também teria por finalidade revelar, sob as camadas textuais, a ideologia que a obra registra e/ou pretende criticar.

Para René Wellek e Austin Warren²: *“O escritor não se limita a ser influenciado pela sociedade: o escritor influencia a sociedade. A Arte não só reproduz a vida, como lhe dá forma. As pessoas podem moldar suas vidas nos modelos dos heróis e heroínas da ficção.”* Por isto, sugerem que a literatura também pode ser considerada como um retrato da realidade social.

Tratando da especificidade da relação entre a literatura fantástica e a sociedade, Jorge Schwartz assevera que: *“O fato fantástico, que se contrapõe em geral a um mundo (ou valor) estruturado solidamente, vive apenas através da linguagem. Sua existência, que somente se define em função do referente acima descrito, é puramente linguística, criando assim um paradoxo em relação ao mundo real que a constitui. Fundamentado num universo empírico, sobrevive apenas na dimensão da escritura, tornando-se paradoxal pela sua capacidade de nomear aquilo que é e não é ao mesmo*

¹ Anatol Rosenfeld, Problemas Literários (texto)

² René Wellek e Austin Warren, Teoria da Literatura, Biblioteca Universitária, publicações Europa-América, Lisboa 1962

tempo.”³. Mais adiante o crítico frisa que: “... a possibilidade de conotação social enriquece o signo narrativo, permitindo que ele se projete além do fenômeno meramente ficcional.

Sintetizando as relações entre a literatura fantástica e a realidade, o mestre Antônio Cândido enfatiza que: “o dado sobrenatural é um artifício da imaginação para remeter a conflitos originários da própria realidade.”⁴

Das citações podemos inferir que literatura e realidade interpenetram-se. Mais que isto, que o realismo fantástico privilegia a análise das relações entre o texto e a realidade histórico-social das quais ele surgiu e às quais retorna. Sem uma abordagem desta natureza é impossível a construção do sentido da obra para além de suas propriedades meramente linguísticas.

O realismo fantástico não é muito difundido na Literatura Brasileira. O gênero foi introduzido em nossas letras pela novela “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo⁵. Desde então, alguns autores dedicaram-se eventualmente ao gênero. Contudo, apenas Murilo Rubião faria dele sua profissão de fé literária⁶. Seguindo seus passos, Jorge Miguel Marinho procura popularizar o gênero em diversas de suas obras. No presente trabalho analisaremos dois contos de “Escarcéu dos Corpos”⁷, dois de “Mulher Fatal”⁸ e alguns aspectos de “A visitação do amor”⁹.

“A mulher Azul” abre o primeiro livro citado. Dona Rebeca, setenta e nove anos, um dia amanhece totalmente azul. Sua nova cor causa estranhamento a família. O Filho, a nora e os netos não aceitam sua nova condição. Pensam em levá-la ao médico, mas desistem porque todos ficariam sabendo do prodígio. Sem outra solução, confinam a velha azul em casa. Com o tempo, passam a ofendê-la até o momento em que ela resolve fugir. No final Dona Rebeca chega a um lugar onde todas as pessoas são azuis.

³ Murilo Rubião: A Poética do Uroboro, Jorge Schwartz, ensaios 74, ática, São Paulo 1981

⁴ Um mestre do fantástico, Antônio Cândido – In Murilo Rubião, Literatura Comentada, abril, São Paulo 1981/82

⁵ Noite na Taverna, Álvares de Azevedo, Clássicos Francisco Alves, seleção e apresentação Hildon Rocha, 2ª ed., editora Francisco Alves.

⁶ “Murilo Rubião é o primeiro contista moderno do gênero fantástico nas letras brasileiras.” Idem nota 4

⁷ Escarcéu dos Corpos, Jorge Miguel Marinho, Brasiliense, 2ª edição, São Paulo 1985.

⁸ Mulher Fatal, Jorge Miguel Marinho, Nova Alexandria, São Paulo, 1996

⁹ A visitação do amor, Jorge Miguel Marinho, atual, 8ª edição, São Paulo 1998

“A mulher Azul” além de constituir-se numa bela metáfora acerca da discriminação devotada aos velhos, revela alguns problemas mais profundos da sociedade brasileira. Como, por exemplo, os conflitos resultantes de uma família ampliada, em que três gerações convivem ou são obrigadas a conviver num mesmo espaço físico. É a dependência (econômica ou psicológica) que gera toda a tensão. Em uma sociedade em que pessoas como Dona Rebeca tivessem condições de suportar o peso da nova cor (idade, condição), não haveria um drama, nem tampouco o desfecho previsível.

Desde logo, portanto, “Escarcéu dos Corpos” sugere a existência de vínculos estreitos entre a realidade e a ficção. Ao quebrar a lógica do cotidiano, possibilita ao leitor questioná-lo. Afinal, é porque estamos tão acostumados a aceitar as dificuldades econômicas e o preconceito como naturais que não nos damos conta de eles são absurdos. A sociedade não só não precisa ser como é, mas pode efetivamente ser diferente. Indagando porque as famílias são ampliadas, porque os velhos são considerados dispensáveis, pode-se instaurar uma nova ordem.

O conto termina com a saída forçosa ou espontânea da personagem do lar. Contudo, Rebeca procura e acaba encontrando um lugar em que não será discriminada. A possibilidade de superação da tensão, a criação de uma nova harmonia pela reunião dela aos seus iguais minimiza o efeito trágico do texto.

Ao contrário do que possa parecer, o texto tem um final feliz. A uma porque a personagem deixa de ser rejeitada, a duas porque assume em toda sua amplitude a nova condição e, mais que isso, manifesta, afirma diante do mundo sua vontade de ser diferente e, portanto, paradoxalmente igual. Por fim, a própria sociedade que gera a tensão, possibilita um novo equilíbrio.

Ephedron¹⁰ encontra a felicidade no corpo e na submissão de Dora. Assim, estranha quando ela começa a acompanhar o campeonato de futebol e, depois, a estudar. Dora procura algo (conhecimento, autoconhecimento) e começa a mudar de sexo. Durante a transformação ela encontra o verdadeiro Ephedron, um homem infeliz diante da verdadeira esposa. Verdadeira? Esposa? O texto lança escuros nos claros das relações

¹⁰ O complexo de Ephedron, Escarcéu dos Corpos.

familiares, dúvidas nas certezas sexuais, anormalidade na tranquilidade cotidiana dos casais.

À crescente perplexidade de Ephedron segue-se a nascente perplexidade de Dora diante da mudança (insegurança) do esposo. Ephedron sente-se e enganado. No entanto, ele mesmo enganou a esposa (mostrava-se tolerante sem sê-lo). Todavia, haverá verdadeiramente um engano?

A dinâmica da vida e as frustrações acarretadas pelas mudanças não nos permitem considerar a verdade como algo pronto e acabado. Dessa forma Ephedron sente-se, mas não foi nem poderia ser ludibriado (assim como Dora). A tensão, a tragédia, a angústia resultante das transformações da esposa (e, por via de consequência, no próprio Ephedron) pode ser creditada a uma fixação, a uma obstinação neurótica por uma imagem do objeto amado. Mas, se Ephedron não era apaixonado pela esposa e sim por uma imagem que dela fazia como pode sentir-se enganado, enganando-se duas vezes?

Para desvendar “O complexo de Ephedron” é preciso admitir que o amor é transitório e sujeito à transformações, apesar dos homens exigí-lo constante imutável. Enfim, a realidade imita a arte. Afinal, quantos casais não repetem inconscientemente a saga de Ephedron e Dora?

“As Mil e uma Noites de Edith Piaf” abre o livro “Mulher Fatal”. Nele, a prostituta preenche o imaginário dos homens com sua música e com seu corpo enquanto preenche-se a si mesma com as histórias da vida de Edith Piaf.

Raquel sofre de uma tripla despersonalização. É um objeto de prazer e, por não ter vida própria, aluga a de uma “estrela”. Projeta todos seus sonhos na cantora, realizando-se como ser humano através dela. Contudo, a trajetória de Edith Piaf é muito parecida com a de Raquel. Edit também fora uma prostituta um dia, de maneira que nem mesmo através do seu ídolo a personagem alcança a tão desejada felicidade.

O anonimato de Raquel e das outras prostitutas é ressaltado pelo fato de que elas não tem nomes, são apenas: “*duas Marias, duas Luzias, duas Irenes, duas Suelis, uma Tereza e uma Therezinha de Jesus*”, a quem se somarão: “*mais uma Luzia, uma outra Tereza, agora Batista, e uma única Marli*”. O porteiro do prédio atende Raquel como: “*um anfitrião neutro e*

quase invisível”. Despersonalizando suas personagens, o autor sugere como funciona o mecanismo de segregação entre as classes sociais. Mais que isto, revela que o preconceito também existe entre os membros de uma mesma camada da população.

A vida de Raquel no prostíbulo é modificada quando aparece um macho especial. Aquele que faz todas as prostitutas se apaixonarem por ele. E este homem maravilhoso acaba se apaixonando justamente por Raquel. Para não perdê-lo, Raquel passa a contar-lhe diariamente histórias da vida de Edith Piaf, realizando de maneira semelhante os desígnios da heroína das “1001 noites”.

E por falar em “1001 noites”, o que chama atenção no conto é a mescla da magia das narrativas orientais ao realismo mais acentuado: “...*Raquel sentiu uma fome concreta de pão com manteiga, lembrou antigos gigolôs que esvaziavam a sua bolsa às seis horas da manhã e mordeu as carnes dentro da boca só de pensar nas duas ou três passagens pela polícia.*”. Realismo que deixa de ser meramente literário em virtude das referências à biografia de Edith Piaf.

Realidade e ficção não se chocam, se completam neste conto delicado. O texto fornece uma prova lírica de que a infelicidade está na incapacidade que algumas pessoas têm de contar histórias e, portanto, de reinventar a própria realidade.

Contanto histórias de Edith Piaf, Raquel alcança sua tão desejada humanidade, traduzida na atenção, no respeito lhe devotado pelo interlocutor apaixonado. Mas não é isto que muitas mulheres casadas desejam na realidade?

O ponto alto da narrativa é a passagem em que é feita referência ao disco: “*Aquele disco ali...*” O disco é um objeto inanimado e, no entanto, contém uma das mais legítimas e vivas manifestações do espírito humano:- a música. De alguma maneira ele sintetiza a situação de Raquel, de todas prostitutas e, porque não dizer, de algumas mulheres.

Quando é tocado, o disco libera sua essência humana. Tocada, a prostituta transforma-se em objeto. Quando inativo, o disco é inútil e silencioso. Raquel procura silenciosamente preencher-se de humanidade depois de ser usada como um objeto. Ao colocá-los um diante do outro (a

prostituta e o disco) o efeito é um poderoso contraste. E mais, reforça a revelação do momento exato em que Raquel deixa de ser tratada como um objeto e passa a ser mulher “...*Tiveram sobressaltos e orgasmos simultâneos...*”.

A história de Raquel e Edith Piaf são muito semelhantes. Prostitutas, ligadas à música, obrigadas a reconstruir suas próprias histórias. A ficção e a realidade interpenetram-se no texto aproximando-o mais ainda do cotidiano do leitor. A partir da revelação de que inexistem fronteiras entre a vida dos mitos e a das pessoas mais comuns (de uma prostituta, por exemplo), o texto sugere que reinventando sua realidade qualquer um pode virar um mito. Que espelhar-se em alguém é, portanto, desnecessário.

“A visitação do Amor”¹¹ registra a saga de Antônio. A estrutura da obra é complexa, diversas histórias entrelaçam-se resultando numa história maior. A narrativa dá conta da descoberta do prazer e do amor por Antônio e Tereza, mas também relata estória do anão Nicolás e sua obstinada pretensão de construir outra sociedade sob a cidade ou a revelar a cidade que existe nos subterrâneos do Pequeno Reino. Temos ainda a estória da criação de Tereza que veio do céu e sua influência na vida das demais personagens; a de Dona Fada, Dor, dos pais de Antônio, dos exilados. No final as histórias convergem para um “gran finale”, com uma transformação na organização da cidade.

Antônio é fruto da emotividade da mãe e da racionalidade do pai. Antes mesmo da mãe dele engravidar, o herói já é uma presença obsessiva na vida do casal e no texto. Já tem um nome, portanto, existe. De alguma maneira sua presença já é sentida pelas demais personagens.

As condições especiais da gravidez de Lúcia conferem a Antônio suas marcas distintivas antes mesmo dele nascer. A personagem engravida aos 49 anos, portanto, muito velha (exatamente como a esposa do patriarca Bíblico). Um cisne aparece. A associação entre esta ave e um universo maravilhoso é automática em razão do paradigma das fábulas, dos contos de fadas. Coincidentemente o anão é expulso da cidade. Este fato sugere uma ligação entre Antônio e Nicolás antes mesmo que eles se conheçam.

¹¹ A Visitação do amor, Jorge Miguel Marinho, atual, 8ª edição, São Paulo 1998.

Nícolás é uma personagem intrigante. Sua conduta é regular, metódica, coaduna-se inteiramente com o Bolero de Ravel (música clássica construída a partir de pequenas variações do mesmo tema melódico) que toca encantando a plateia. Entretanto, quando está realizando apresentações, o violinista muda seu repertório de uma maneira brusca: “...das valsas vianenses para as rapsódias ciganas...” Não bastasse isto, fica-se sem saber se foi o anão que encolheu ou o cachecol que cresceu ao longo do tempo. Nada se sabe sobre Nícolás, a não ser que sua música encantadora se tornou perniciososa.

A oposição entre a utilidade do tempo e o prazer de desfrutá-lo ao sabor da música presente na estrutura profunda do texto aproxima-o da realidade. A sociedade moderna é o que é em virtude da racionalização do uso do tempo. *Tempo é dinheiro...* Sob a égide desta lei aparentemente universal e infalível, o capitalismo foi criado e se desenvolveu, sempre procurando aumentar a produtividade do trabalho humano.

Contudo, isto não quer dizer que o tempo excedente resultante dos ganhos de produtividade seja empregado para o lazer. Ao contrário, é utilizado para produzir mais lucro. Então, os trabalhadores passam a vida inteira sem se darem conta de que viver também é desfrutar. Quando acreditam que estão preparados para desfrutar os benefícios de uma vida dedicada ao trabalho a juventude se foi.

Aos aposentados só resta a amargura de uma velhice muitas vezes preenchida pelas dificuldades econômicas que obrigam-nos a trabalhar um pouco mais para completar o orçamento. “A visitação do amor” denuncia o absurdo do cotidiano da maioria das pessoas, que não só não sentem o prazer de escutar uma música como acham que isto é um crime. A expulsão de Nícolás do Pequeno Reino é sintomática.

Apesar do nome, Dona Fada parece mais uma bruxa. O catolicismo, que condena as práticas divinatórias realizadas pela personagem (leitura de búzios, astrologia), é o referencial para esta conclusão. Apesar de sua aparência (nova quebra de expectativa), Dona Fada comparece ao batizado não para amaldiçoar Antônio, mas para “revelar” suas principais características. O autor brinca com o leitor, levando-o a acreditar em algo, para logo depois desacreditá-lo.

Antônio “...*precisa de música para viver*”, é, portanto, carente. Mas o que somos todos nós, senão carentes? A realidade entra de maneira sutil no tecido narrativo induzindo o leitor a perguntar a si mesmo: Qual é a minha carência?

Há uma sincronia perfeita entre a partida do músico (Nícolas), o nascimento de Antônio e a revelação de sua carência por Dona Fada. Os destinos de ambos estão ligados... pela arte. O texto sugere que a arte é a linguagem privilegiada através da qual os homens se encontram, mesmo antes de se conhecerem. Além de profunda, a ligação entre Nícolas e Antônio mantém o interesse na narrativa.

Através do seu texto, o autor dedica-se à destruição e reconstrução de ícones dos contos de fadas. Assim, temos sapos que não querem virar príncipes. A princípio, a providência parece superficial, limitada ao âmbito da literatura. Porém...

Quantas não são as mulheres que negam a realidade em benefício da fantasia, acreditando que encontrarão um príncipe encantado? Elas não procuram um homem, com virtudes e defeitos, sujeito a reações inusitadas diante das adversidades da vida, mas alguém cuja conduta exemplar siga uma regularidade quase mecânica. Essas personagens da realidade cotidiana não almejam relacionamentos verdadeiros, com altos e baixos, momentos bons e ruins, mas finais felizes. E porque nunca encontram o que procuram caem em depressão, frustradas porque o sapo continuou sapo depois do primeiro, do segundo, de infinitos beijos ou porque o príncipe encantado que encontraram vai rapidamente transformando-se num anuro repulsivo.

No texto, como vimos, os sapos querem continuar a ser apenas o que são: sapos. Eles sabem que não podem ser diferentes e fogem das princesas ou intuem que também as princesas podem ser bruxas. Desfeita a confusão renova-se a harmonia dos corpos (para usarmos uma expressão cara ao autor). Sapos relacionam-se com sapos, príncipes com princesas...

Entre homens e mulheres de carne e osso as coisas são diferentes. Resulta óbvio que o texto, aparentemente inocente, não demoli apenas um ícone literário mas alcança camadas mais profundas da psique e do comportamento humano a fim de reconstruir a humanidade perdida quer em razão da própria literatura infantil.

No capítulo seguinte é o espelho que emudece. O retorno de Nicolas coincide com a partida de Dona Fada. Uma nova relação inusitada é anunciada, os destinos de dois outros personagens estão ligados. Vai aí uma pista sobre o funcionamento da sociedade. As relações sociais dependem e não dependem da vontade das pessoas. As aproximações, os distanciamentos ocorrem ao sabor de uma lógica desconhecida. Contudo, todos fazem parte da mesma família. /cada ser humano se relaciona com os demais através das imensas cadeias de relacionamentos que vão sendo criadas a partir de um círculo pequeno de pessoas

Antes de mudar, Dona Fada presenteia Antônio com uma caixinha de músicas, a qual acaba sendo escondida num baú junto dos outros instrumentos musicais enviados para o garoto (portanto, há mais gente que reconhece nele algo especial). Com isto os pais pretendem esconder de Antônio seu destino. Lúcia e Inácio procedem exatamente como todos os pais. E como todos eles estão enganados.

Aqui a narrativa é interrompida. Uma menina que não é menina, porque não tem corpo e é eterna, deseja ardentemente ser... menina. Ela confecciona um sapatinho de cristal, mas não tem pé para usá-lo. Convive com arcanjos, querubins e serafins mas quer mudar. De certa maneira toda adolescente é assim, menina/não menina, mulher/não mulher, um emaranhado de dúvidas que não se reconhecem bem e não se resolvem. Seu destino será diferente do das demais personagens como os caracteres em que foi impresso o capítulo? Isso é o que veremos.

Antônio encontra a música. Como a música é a realidade da personagem segue-se que o leitor é colocado face a face com sua própria realidade. Isto é conseguido através da referência seca e direta a fatos do cotidiano:- “...*duvidas que ano a ano cresciam dentro do casal...*”; “...*países distantes que faziam experiências com usinas nucleares...*”. A oposição é clara: magia/infância/felicidade x ciência/ maturidade/dor.

Frente a frente com a realidade, Antônio sofre como sofrem os adolescentes à medida que começam a descobrir a dura realidade que os circunda. É nesse capítulo que o herói fala a primeira vez sobre música com o pai e a reação dele é fantasticamente previsível. Faz de conta que não entendeu.

Novamente é quebrada a expectativa do leitor. Os grãos de feijão não levam a garota a lugar nenhum. Dentro dum registro fantástico o autor demonstra que não existem soluções mágicas, sugerindo recorrentemente ao leitor que as mesmas também não existem no mundo real.

Antônio descobre que herdou da mãe a sensibilidade emocional e do pai a lógica científica. Não identifica-se com a música, é a própria música. À autodescoberta da personagem, segue-se a descoberta da realidade pelo leitor: *“Havia uma avalanche de produtos manufaturados no Pequeno Reino e os consumidores acabaram substituindo as flores do campo por sofisticadas flores artificiais”*. O mal estar criado pela realidade sugere uma atitude neo-romântica: o desejo de fugir.

É de se notar que, como ocorre entre nós, no Pequeno Reino a própria morte se transforma em algo banal. As flores utilizadas para ornar as tumbas dos entes queridos não expressam mais a fragilidade, a transitoriedade da vida, a saudades de quem partiu. É apenas um objeto de decoração durável, lavável.

Nicolas perde o emprego. Sua música alimenta o espírito e faz os homens esquecerem-se do corpo que alimenta a economia. Deve, portanto, prevalecer a economia em prejuízo do espírito. Se considerarmos música como metáfora de liberdade, é evidente o paralelo entre o Pequeno Reino e o Brasil da década de 70.

À medida que o anão cresce como músico, passando de instrumentista a compositor, o garoto cresce para a música descobrindo a vocação da arte para aglutinar as pessoas em torno de um único ideal (através do coral). Quando se encontram, ambos silenciam. Segue-se uma maior aproximação entre o anão e Antônio.

O herói de Jorge Miguel Marinho é feio. Sua vida é influenciada pelos astros a não ser que tenha sido mera coincidência o encontro entre ele e Maribel. Não foram felizes para sempre, apenas descobriram que a paixão é transitória. A proposta do texto é bem definida. Pretende enterrar a fantasia criada pelos contos de fadas através de sua narrativa fantástica, possibilitando ao leitor encontrar-se com a realidade e a felicidade.

Apesar de fantástico, “A visitação do amor” está plugado na realidade. Manipula a iconografia do adolescente com versatilidade. Como, por exemplo, quando usa a figura do roqueiro, o príncipe encantado moderno com quem Maribel não acaba ficando.

A narrativa prossegue... A descoberta do prazer não é a finalidade da existência de Antônio. O herói descobre finalmente sua vocação para música (o conteúdo do baú). Descobrendo-a, descobre-se a si mesmo e, pela primeira vez na estória, sente medo. O medo é associado ao sangue, líquido vital que escorre de seu dedo ao ferir-se na caixinha de músicas. A **prova de sangue** sugere que seu destino está próximo, como também estava próximo da princesa do conto que tem que cortar o dedo no fuso para dormir e ser salva pelo Príncipe Valente.

O medo leva Antônio a devolver sua vocação ao baú. Ato contínuo a cidade resolve proibir a música. Há uma identidade entre auto-repressão de Antônio e repressão da cidade. É como se a cidade estivesse sintonizada em Antônio, quer para prová-lo, obrigando-o a libertar-se para libertar-lhe, quer para massacrá-lo definitivamente aliando-se ao seu medo.

“O pequeno reino do som” e “A vigília dos magos” guardam uma relação de continuidade muito grande. Os dois capítulos são o ponto alto do texto. A narrativa flui ao sabor de um fluxo contínuo, como se fosse um delírio onírico que parece não ter fim. E como um sonho comporta uma multiplicidade de significação e significação nenhuma. Os detalhes, antes fundamentais para a inteligência do texto, perdem a função de complicadores nestes capítulos.

O narrador descreve como a música faz parte da vida das pessoas, portanto, da cidade. Demonstra como a música não pode ser extinta, como ela e a liberdade tem uma afinidade muito grande. Quanto maior a tirania, maior é o colorido que a música e a liberdade adquirem, levando-nos ao êxtase, exatamente como ocorre com o bailarino, o violeiro e a cantora.

Os pais de Antônio finalmente se convencem que não podem separar o filho de seu destino. A Dor (uma empregada) ou a dor reserva-lhe surpresas. O pai apela para a lógica banal (culpa da esposa) a esposa para o misticismo. Só Dor compreende o que está acontecendo com o herói.

A esta altura, a realidade entra no texto através da referência à poluição. Cria-se uma tensão entre massificação/infelicidade e arte/liberdade/felicidade. Através de alegorias o autor dá a entender que a tecnologia moderna é incapaz de devolver às pessoas a vontade, a alegria de viver. Ironiza a política referindo-se ao político que dorme durante o discurso, quando na verdade o público é que sente sono quando um discursa. A sonolência dos habitantes do Pequeno Reino ajusta-se ao ambiente fantástico (conto do Príncipe Valente), mas também encontra ressonância na apatia política da população brasileira.

A menina aparece no quarto de Antônio. Traz consigo uma flauta de ouro. Apesar de o metal precioso conferir dignidade e valor ao instrumento musical Antônio fica com medo de aproximar-se dele. Segue-se a intimidade entre Antônio e Tereza, a garota caída do céu. Desmistifica-se a ideia vulgar de céu através da humanização do anjo (sujeito a desastres). Enfim, Antônio cumpre seu destino: ele é encontrado por Tereza, reencontra a música e a música é o amor que mantém despertos os homens. Cumpre-se a profecia feita no início.

Todas as tarefas desempenhadas por Tereza beneficiam coletividades: sócios do clube, estudantes da escola, visitantes do museu e membros da Igreja. Há, portanto, um sentido de solidariedade no que a garota faz. O campo semântico escolhido também privilegia atividades lúdicas que, de alguma maneira, estão relacionadas à arte. Aliás, o autor estabelece uma associação entre prazer/arte/produtividade, destruindo o conceito original que levou ao banimento da música. Como a música simboliza o prazer, o texto indica que é possível desfrutar a vida de maneira diferente da máxima “*tempo é dinheiro*”. Além disso, o texto estabelece uma distinção muito importante entre amor e sexo. Uma distinção banal, mas necessária considerando-se que o texto tem por público alvo adolescentes.

Os pais de Antônio retornam e começam a adaptar-se à nova vida na cidade. Note-se que o retorno é apenas sugerido. O narrador exige atenção do leitor, não fica repetindo informações que já foram lançadas anteriormente no texto. Tudo que não é essencial ao desenvolvimento da estória é abolido. A economia dá a tônica do estilo desenvolvido pelo autor. Uma marca registrada talvez.

Depois da aproximação, Antônio e Tereza distanciam-se. Exatamente como ocorre na vida real cada um começa lentamente a cuidar de seus próprios interesses. Pedagógico!

A música de Tereza e Nicolás faz ela levitar e ele crescer. Por que? A súbita mudança de tendência deixa o leitor suspenso, atônito. Quando pensa que está compreendendo a lógica do universo mágico do Pequeno Reino, a terra foge aos seus pés e ele acaba caindo no poço que as personagens estão cavando. Considerando-se que poço, caverna, gruta, desde Platão é índice de ignorância, fica claro que o narrador diverte e diverte-se à medida revela novas informações ao leitor.

Os pais de Antônio passam a vender flores infláveis. Os negócios melhoram. Agora não preocupam-se mais com o filho. Somente quando a situação financeira ia mal eles davam atenção ao herói. Assim, o texto revela uma triste realidade “fantástica” de nossos tempos.

É na água que somos gestados e é nela que gesta-se o amor de Antônio e Tereza. A água está associada ao prazer e também ao temor, ao temor do prazer. Ao escolher a água para simbolizar o encontro entre as personagens uma vez mais o autor pretende atingir camadas profundas da consciência mítica do leitor. Faz isso e mais... só então estabelece uma identidade entre amor e prazer. Assim, o texto evita ou pretende evitar confusões. Além disso deixa bem claro que no amor cada qual recebe algo do outro, algo maior que apenas o prazer, que a satisfação do apetite sexual.

Nova sugestão: outras pessoas uniram-se aos protagonistas na construção da caverna. Este movimento subterrâneo (revelador da música) nos dá conta do que realmente é importante na vida. Nada de spotlights, lances rocambolescos e publicidade exagerada, apenas trabalho. Lentamente, através de seu trabalho silencioso, subterrâneo, uma grande obra vai sendo construída sem que o leitor se dê conta. Mas não será assim também que as coisas na realidade funcionam?

A realidade do exílio é algo presente na história recente do Brasil à época de elaboração do texto. Isto não passa despercebido ao autor, que refere-se diretamente a volta dos exilados que fugiram ou foram mandados embora após a proibição da música no Pequeno Reino. Quanto a “...uma forte rebeldia de lavrador.” não precisamos muito esforço para

estabelecer um paralelo entre o texto e os conflitos pela Reforma Agrária no Brasil.

Quando desembarca no Pequeno Reino, D. Fada começa a “...sentir na planta dos pés que algo muito estranho estava para acontecer.” A premonição da personagem funciona como recurso expressivo, antecipa fatos que estão por ocorrer sem detalhá-los mantendo o interesse na narrativa.

O retorno de D. Fada coincide com o despertar dos habitantes daquele mundo imaginário. Agora ela está em casa e sua sombra não pode mais dominá-los. Mas, D. Fada já não é a mesma, portanto, pertence àquela nova ordem. Identifica-se tanto com ela que acaba unindo-se ao anão. Nícolas também mudou. Apesar de diminuir cresce à medida que cava junto com os demais. A solidariedade transfigura todos os personagens, e, por consequência, a própria sociedade (que deve ser, como disse o autor, uma reunião de amigos).

A narrativa ainda não acabou. No capítulo seguinte é exposta uma verdadeira teoria fantástica sobre a renovação da sociedade: “Talvez uma revolução no centro da Terra, uma agonia da natureza ou o tormento que existia dentro de cada um.”. Ao invés do homem submeter a natureza e organizar a sociedade, a sociedade e o homem é que são ordenados por processos naturais.

Os pássaros retornam, com eles a música. Pássaros não simbolizam apenas musicalidade, mas também indicam liberdade. Aqui o autor dá uma pista concreta de que a música pode ser entendida como uma metáfora de liberdade.

Enfim o texto chega ao final. O emprego de bombas de efeito moral, que aproximam o realismo fantástico do texto com a realidade brasileira do final do regime militar iniciado em 1964, já não podem impedir a renovação do Pequeno Reino (como não impediram a renovação no Brasil). Cumpridos seus destinos Antônio e Tereza separam-se. Ela já não está usando o sapatinho de cristal (que deve ser feito sob medida ou ajustar-se forçosamente ao pé provocando dor), mas uma sapatilha de cetim (que pode ser ajustada ao pé para não machucá-lo). Enfim o herói descobriu o real sentido da vida em sociedade:- a solidariedade impele as mudanças.

Da análise das obras citadas, podemos concluir que a literatura fantástica guarda uma reação muito estreita com a realidade subjacente. Que a análise deste tipo de texto privilegia considerações acerca das relações entre literatura e sociedade. Afinal, a obra fantástica não pode ser encarada apenas como o resultado dos devaneios criativos do autor ou o produto do emprego da palavra pela palavra. A palavra que não comunica não tem sentido, mas pode vir a ter desde que considerada no contexto interno e externo da obra. A tarefa do crítico de literatura fantástica é recuperar, na medida do possível, o sentido conotativo do texto. E foi isto que tentamos fazer ao longo deste trabalho, cuja realização foi orientada pela professora de Sandra Regina Chaves Nunes.

BIBLIOGRAFIA

- | | |
|--------------------------------------|--|
| Azevedo, Álvares | Noite na Taverna, Clássicos Francisco Alves, seleção e apresentação Hildon Rocha, 2ª ed., editora Francisco Alves. |
| Cândido, Antônio | Um mestre do fantástico, In Murilo Rubião, Literatura Comentada, abril, São Paulo 1981/82 |
| Marinho, Jorge Miguel
Paulo 1985. | Escarcéu dos Corpos, Brasiliente, 2ª edição, São Paulo 1985. |
| Marinho, Jorge Miguel | Mulher Fatal, Nova Alexandria, São Paulo, 1996 |
| Marinho, Jorge Miguel | A visitação do amor”, atual, 8ª edição, São Paulo 1998 |
| Rosenfeld, Anatol | Problemas Literários (texto) |

Schwartz, Jorge
ática, São Paulo 1981

Wellek, René
Warren, Austin

Murilo Rubião: A Poética do Uroboro, ensaios 74,

Teoria da Literatura, Biblioteca Universitária,
publicações Europa-América, Lisboa 1962